

A cidade dos mortos no mundo dos vivos - os cemitérios

Maura Regina Petruski¹

Introdução:

As informações apresentadas no presente texto fazem parte de uma pesquisa que tem por objetivo recuperar a trajetória da edificação dos cemitérios, em distintos contextos histórico-temporais, para analisar e registrar o perfil dos diversos comportamentos humanos diante da morte. O recorte temporal escolhido tem como foco a Baixa Idade Média e a Idade Moderna, em função de que nesse período, foram encontradas significativas mudanças em relação a esses espaços, como também verifica-se a criação de uma legislação específica a esse respeito na qual encontramos características muito próximas às cidades dos vivos, sendo muitas delas prevalecendo até os dias de hoje.

As construções funerárias estabelecem vínculos entre passado, presente e futuro, evidenciando uma das formas como cada sociedade operava e mantinha sua tradição em relação às incertezas e incógnitas relacionadas à morte. Estudar a respeito da temática cemitério é trabalhar com a subjetividade de seus signos entrecortados de silêncio, que aos poucos temos suas significações reveladas. Importante fonte iconográfica que ultrapassa suas questões estatísticas e demográficas, revelando o estético através dos monumentos, afrescos, fotografias e lápides. Estudos a eles relacionados possibilitam a compreensão de sistemas culturais não mais existentes, pois é “em torno dos túmulos

¹ Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutoranda na Universidade Federal do Paraná.

que esposos, parentes e amigos irão se reunir para velarem os seus, como em volta de um marco”². Espaço sagrado que faz parte da vida cotidiana, cujo reflexo dos vivos é transportado para os túmulos, demonstrando representações individuais ou familiares de distintas formas. Parecido com pequenas cidades, sendo regidos por uma lógica de organização, cuidadosamente planejados, os cemitérios movimentam negócios e mostram estratificações sociais identificados através de suas ruas que separam os túmulos. Há, também exposição representativa de anjos, santos e esfinges que lançam olhares inexpressivos aos visitantes como se fossem guardiães. Suas construções feitas de pedras e tijolos, frias e duráveis, ecoam com alicerces da eternidade, mas abaixo delas encontram-se corpos em processo de decomposição.

A história dos cemitérios também pode ser lida como um processo de implantação de uma ordem cultural desenvolvida por grupos sociais e a sua inter-relação com a existência humana e sua finitude. Nesse caso, a cultura enquanto categoria de análise é pensada de acordo com a perspectiva que certas sociedades elaboram e partilham seus símbolos, signos, práticas e valores como expressões e traduções da realidade. Uma sensibilidade refletida, em materialidade, no espaço construído para retratar o real e o imaginário do ser humano, frente ao que ele sabe e desconhece da vida.

O interesse pela temática da Morte:

Diversas foram as formas e representações construídas pelos homens diante da morte. Mesmo sendo um fato singular e concreto, a temática suscita interpretações variadas por aqueles que procuraram analisar esse assunto sempre presente em diferentes sociedades ao longo do tempo. A relação do homem com a morte tem sofrido variações ao longo

² BRAET, Herman & VERBEKE, Werner. *A morte na Idade Média*. Tradução de Heitor Megale, Maria Clara Cescato e Yara F. Vieira. SP:EDUSP. 1996, p.31.

da história, revelando, assim, sua cultura através de suas práticas funerárias.

Objeto de estudo escolhido por alguns historiadores do grupo dos Annales, a partir da segunda metade do século XX, os quais se propuseram a focar aspectos relacionados ao além-túmulo, fazendo com que o tema se consolidasse no seio da história social.

No limiar dessa fase, destaca-se o nome de Philippe Ariès que direcionou seus estudos na relação natureza-cultura na perspectiva da longa duração. Em *O homem diante da morte*, este pesquisador apresentou trajetórias e relações dos homens face à morte, salientando formas pelas quais uma cultura vê e classifica esse fenômeno onipresente.

Dentre as formas culturais apresentadas por Ariès destaca-se a *Morte Domada*, identificada pelo autor como a interpretação mais antiga relacionada ao tema. Nesta perspectiva, a morte anunciava sua proximidade através de sonhos e pressentimentos, premonição essa aceita como natural por aqueles que a recebiam. Dessa forma, acreditando-se que ela estaria próxima, providências poderiam ser tomadas para que a passagem fosse realizada de acordo com a vontade do “morto”.

Outro modelo apresentado por Ariès é a *Morte romântica*, interpretação essa desenvolvida em meados do século XIX. Nesse caso, a chegada da morte passou ser vista e acreditada como o momento de reencontro, de reunião com os familiares já falecidos no além-túmulo.

Um segundo autor que também teceu reflexões diante da morte foi Michel Vovelle, que se utilizou dos testamentos como fonte, o autor “quis mensurar mudanças no pensamento e no sentimento. Deu atenção às referências feitas à proteção dos santos padroeiros, ao número de missas que o testador encomenda para a salvação de sua alma, aos arranjos feitos para os funerais e mesmo ao peso das velas acendidas durante a cerimônia”.³ Procurou, dessa forma, evidenciar o que ficou conhecido como a “pompa barroca”, presente nos

³ BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia*. SP: Editora da UNESP. 1991.

funerais do século XVII, bem como as mudanças que esses rituais sofreram quando passaram a simples cerimônias no século XVIII. Nessa perspectiva, o testamento servia como garantia para obter o além, pois o morto decidia antecipadamente sobre o seu próprio funeral e como deveria ser a composição do seu epitáfio. Era o momento em que prevalecia o individualismo, quando o próprio indivíduo organizava a sua passagem para a outra vida. A esse respeito, Aries⁴ denominou de *Morte de si mesmo*.

Segundo Peter Burke⁵, o trabalho desenvolvido por Vovelle instigou Pierre Chaunu a investigar a respeito das atitudes coletivas diante da morte, na cidade de Paris, no início da época moderna, usando os métodos utilizados por Vovelle.

Seguindo o caminho aberto pelos integrantes dos Annales, porém especificamente em território brasileiro, um dos autores que também trilhou pela temática foi João José Reis⁶, que em seu trabalho *A morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, o autor descreve a cultura funerária desenvolvida na região da Bahia, apresentando elementos de descontentamento por parte de alguns setores da população, contra as novas posturas sanitárias que estavam sendo incorporadas em solo brasileiro.

Práticas de enterramento e a implantação dos cemitérios:

Fazendo um recuo cronológico, a respeito da edificação dos cemitérios na antiguidade, constatou-se que os primeiros cemitérios cristãos foram as catacumbas. Eram nas paredes dessas galerias subterrâneas, que se faziam as tumbas para enterrar os mortos e também o local utilizado pelos primeiros cristãos para se reunirem secretamente no período em que

⁴ ARIES, P. *O homem diante da morte*. RJ: Francisco Alves, 1989. p 214.

⁵ BURKE, Peter. Op cit . p

⁶ REIS, João José. *A morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. SP: Cia das Letras, 1991.

ainda eram perseguidos. O sepultamento em terra tinha um significado importante, pois perspectiva religiosa levava à preservação dos lugares considerados santos, e o cemitério era um desses espaços. Isso se efetuou em face da fé dos cristãos, podendo ser identificada como elemento responsável pela mudança de comportamento de muitas pessoas em relação a prática de enterramento. Outro elemento que também contribuiu para que o incentivo aumentasse foi a valorização do culto aos mártires, concedido por parte da instituição eclesiástica, que atraía para seus túmulos pessoas de distintos lugares. Diante disso, ser enterrado próximo a esses túmulos significava proteção para o momento do despertar, tendo esse pensamento fundamentado na crença de que os santos possuíam lugar garantido no paraíso. Com o passar do tempo, em muitos desses locais, foram edificadas Basílicas, que além da sua função religiosa também serviam para alojar os mortos.

Essa prática de enterrar em solo sagrado foi se ampliando ao longo do medievo e muitos cemitérios em espaços abertos foram sendo deixados de lado, passando a localizarem-se próximos às igrejas. Todavia nem todas as pessoas poderiam ter seus corpos depositados nesses locais, reservados aos mais abastados como também a aqueles que possuíam influência na sociedade local. Eram os sepultamentos denominados *ad sanctos* cujos corpos ficavam “no coro ou na cave, ou no exterior, à sombra das paredes, ou ainda no cemitérios em lugares privilegiados, os mais próximos do santuário: perto da entrada das capelas sepulcrais, das estátuas, cruzeiros de pedra, estações para procissões”⁷.

O desenvolvimento dessa prática se organizou fundamentando-se na crença da ressurreição dos corpos no dia do julgamento final, pois se acreditava que a proximidade física entre o cadáver e as imagens divinas, contidas no interior das igrejas, representava um modelo de continuidade

⁷ HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1987, p 40.

espiritual que se desejava obter na relação mágica existente entre o ser humano e Deus. Dessa forma, ser enterrado no interior da igreja era uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos.

Assim, cada vez mais as igrejas foram sendo utilizadas como cemitérios, criando-se uma representação de sociedade “em que coabitavam os vivos e os mortos, em que o cemitério se confundia com a igreja no coração da cidade”.⁸

Dessa maneira, os túmulos individuais foram se tornando raros durante a Alta Idade Média, quando não se considerava necessária a especificação da sepultura nem a sua individualização por um epitáfio ou inscrição qualquer,⁹ pois nas igrejas os corpos eram colocados no mesmo espaço sem identificação alguma.

Com o passar do tempo, os espaços no interior das igrejas foram ficando escassos, chegando ao limite na segunda metade do século XIV, quando a Peste Negra assolou o território europeu, provocando a morte de milhares de pessoas em poucos meses, deixando os cemitérios abarrotados de corpos. A única saída para aquele momento era enterrar os corpos, também, no pátio das igrejas, o que gerou a criação dos cemitérios ao lado ou aos fundos delas. Assim, entre os séculos XII e XIV, os enterros foram se tornando cada vez mais religiosos, até chegarem ao seu auge no século XVII.

As crises de mortalidade, acontecidas na Baixa Idade Média, em função de epidemias e pestes, interferiram no comportamento relacionado à morte, pois nesses momentos de fatalidade, os homens se viram desobrigados em cumprir os rituais fúnebres. Boccaccio relata essa situação quando escreveu sobre a peste em Florença.

A principal mudança de comportamento, identificada nos testamentos desse período, foi revelada através das preocupações dos testadores: pedidos de celebrações

⁸ VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*. SP: Brasiliense. 1987. p 73.

⁹ Os túmulos individuais eram um hábito romano e estavam ligados aos escravos.

litúrgicas a serem realizadas pelos seus familiares, estipulação de número de missas e orações que deveriam ser feitas após o sepultamento, além da determinação da periodicidade desses rituais, pois se acreditava que tudo isso ajudaria no seu julgamento final. Nesse caso, o testamento passou a ser categorizado no imaginário social como garantia de salvação.

Transformações de forma mais significativa, a respeito dos cemitérios, ocorreram a partir da primeira metade do século XVIII, quando foram levados para fora dos jardins e do interior das igrejas. Com isso, os mortos passaram a ser velados e enterrados no circuito íntimo da família. Essa postura veio acompanhada pela redefinição da noção de ritual e da intensificação para individualizar a sepultura, antes privilégio da nobreza e do clero. Além disso, novos critérios médicos foram desenvolvidos, pois a grande quantidade de túmulos, no convívio com os vivos, preocupava os higienistas, que passaram a alertar a população para o grande perigo dessa proximidade. Coube a ‘doutrina dos miasmas’ fundamentar essa nova maneira de pensar e agir.

Desenvolvida principalmente na Alemanha, surgiram preocupações por parte de alguns médicos, quanto aos problemas causados pelos corpos que estavam em processo de decomposição, uma vez que “emanavam das sepulturas vapores ou fumaça que transtornava o ar¹⁰, e que interferia diretamente na saúde do ser humano, causando alguns tipos de doenças. Por essa nova perspectiva, a presença do morto se tornava inconveniente e representava perigo aos vivos.

Na França, a nova postura diante da morte e dos mortos se delineou ao longo do século XVIII, no rastro do iluminismo e da secularização da vida cotidiana, criando-se uma atitude hostil à proximidade com pessoas moribundas e com os mortos. Além disso, os médicos também recomendavam que essa aproximação fosse evitada por motivo de saúde pública. O primeiro alvo desse novo discurso foram os cemitérios, especialmente o Cemitério dos Inocentes, localizado em

¹⁰ BRAET, Herman & VERBEKE, Werner. Op cit p.71

Paris, pois ele era,

uma dessas veneráveis necrópoles incrustadas no coração da cidade, que servia a mais de vinte paróquias, numa área de 120 x 60 m, formando uma espécie de anexo do vizinho mercado de Halles. Esse cemitério recebia há oito séculos pobres e ricos, e dizia-se que seu solo consumia cadáveres com fantástica rapidez, daí ser conhecido como “come-carne” e que seu ossuário continha os restos mortais de um milhão de parisienses¹¹.

A preocupação com esse espaço justificava-se em função de que os corpos nele depositados eram colocados uns sobre os outros, sem grandes preocupações com questões sentimentais ou mesmo sanitárias, principalmente, no que se refere àqueles que não possuíam recursos, cujo amontoamento,

era tanto que os cadáveres se empilhavam acima do muro do claustro e caíam do lado de fora. Em torno desse mesmo claustro foram construídas casas cuja pressão devido ao amontoamento dos cadáveres foi tanto que algumas casas desmoronaram e os esqueletos se espalharam em suas covas, provocando pânico e doenças. O medo disseminado entre as pessoas da época, em relação à infecção causada pelo cemitério, foi tanto que, elas acreditavam que em função da proximidade dos mortos, o leite talhava imediatamente e a água apodrecia¹².

Esse olhar negativo, direcionado aos cemitérios, surgiu com o desenvolvimento do conceito da “medicina urbana”¹³, culminando com inúmeros protestos por parte da população francesa que não concordava com a mudança, principalmente entre o decênio de 1740 – 1750. Como reflexo de tais manifestações ocorreram as primeiras grandes emigrações dos campos santos para a periferia da cidade, a partir de 1780. A partir daí, o individual substituiu o coletivo,

¹¹ REIS, João José. Op cit p 77.

¹² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. RJ:Graal Edições. 1988. p 87.

¹³ A medicina urbana não é verdadeiramente uma medicina dos homens, corpos e organismos, mas uma medicina das coisas: ar, água, decomposições, fermentos; uma medicina das condições de vida e do meio de existência.

ou seja, o caixão individual e as sepulturas familiares foram sendo incorporados ao ritual funerário.

Sob esse aspecto Michel Foucault destaca que, em respeito aos vivos, as razões teológico-religiosas foram substituídas pelas políticas sanitárias, pois

foi assim que na periferia das cidades, no final do século XVIII, um verdadeiro exército de mortos tão bem enfileirados quanto uma tropa que passa em revista. Pois é preciso esquadrihar, analisar e reduzir esse perigo perpétuo que os mortos constituem. Eles vão, portanto, ser colocados no campo e em regimento, uns ao lado dos outros, nas grandes planícies que circundam as cidades.¹⁴

Esse modelo descrito por Foucault, referente à disposição dos túmulos, fazia parte das normatizações defendidas pela medicina urbana, que tendo por base o método de arejamento das cidades, largas avenidas foram abertas para melhorar a circulação do ar. Esse modelo também foi sendo aplicado na cidade dos mortos, acreditando que a divisão em quadras e espaços mais definidos poderiam melhorar aspectos de saúde pública, inclusive de fiscalização por parte dos órgãos competentes.

O espaço funerário passou a ser cercado, chegando a ser estipulado a altura da divisória que separaria os dois mundos, sendo esquadrihado de forma que a vigilância pudesse ser viabilizada. Introduziram-se quadras e sepulturas com números, nomes dos falecidos foram colocados nos túmulos, fixando também a data de falecimento. Através dessas medidas, a saúde pública e a higiene entrelaçaram à vida dos vivos com os corpos mortos.

A partir de então, contando com o apoio de representantes da igreja e tendo como suporte o conteúdo do texto bíblico do Livro de Esdras que diz: “Numerosos testemunhos nos ensinam que a ala deve habitar uma morada mais nobre”¹⁵, acrescido da idéia defendida pelos

¹⁴ Idem p. 90.

¹⁵ No capítulo 2, versículos 34-35 que diz: Numerosos testemunhos nos ensinam que a alma deve habitar uma morada mais nobre.

higienistas, a questão estética dos cemitérios começou a receber mais atenção, passando a prevalecer túmulos individuais e jazigos familiares, contra o coletivismo desenvolvido até então. A partir daí, autoridades, principalmente francesas, passaram a estabelecer leis que proibiriam enterros *ad sanctos*, recomendando a construção de novos espaços que serviriam de cemitérios inseridos nas novas regulamentações estabelecidas. Regras de funcionamento, então, passaram a ser impostas: abertura somente durante o dia, inspeções por parte de funcionários devidamente contratados para esse fim e registros em livros próprios de aspectos relacionados à morte. Entretanto, os cemitérios permaneceram sob a tutela da Igreja Católica por se tratar de um espaço reconhecido como sagrado. Assim, pureza e perigo agora se definiam a partir de critérios médicos, mais do que religiosos.

Se na França urbana a aceitação das novas regras de sepultamento se deu de certa forma de maneira pacífica, o mesmo não aconteceu com algumas das suas comunidades rurais, que promoveram manifestações contrárias a essa nova imposição. Todavia, isso de nada adiantou, pois tiveram que se enquadrar às novas determinações.

Aos poucos, outros países foram seguindo os novos procedimentos franceses no que se refere aos cemitérios. Na região da Inglaterra, não se tem conhecimento de manifestações contrárias às novas decisões em relação aos campos santos. Acredita-se que a aceitação esteja relacionada ao rompimento, nesse país, da tradição católica e ao desenvolvimento do protestantismo, doutrina nova e bastante difundida entre os ingleses, razão pela qual não encontraram resistência, pois os protestantes ingleses veneravam menos o local da sepultura, se comparado aos católicos. Isso se dava em função de que nesse país já haviam simplificado os rituais dos funerais e estavam dando pouca atenção ao corpo morto e ao local do enterro.¹⁶ Assim, com o

¹⁶ Essa postura justifica-se em função da crença na doutrina da Predestinação que afirma: “na hora da morte não haveria ritual que pudesse alterar o destino do morto”.

processo da Reforma Religiosa, encontra-se uma outra mudança concernente à criação de cemitérios: a criação dos cemitérios públicos, iniciando, dessa forma, a ruptura cemitério-igreja católica.

Em Portugal, somente em 1835, é que uma lei passou a vigorar, proibindo enterros nas igrejas, como também instruiria as autoridades locais a construírem cemitérios fora dos limites urbanos, no prazo de quatro anos. Pela nova normatização, os cadáveres deveriam ser enterrados em covas individuais e os padres que, por ventura, permitissem enterrá-los fora dos cemitérios públicos poderiam até perder sua função. Nessa época, o governo português criou uma rede de autoridades sanitárias para vigiarem as práticas de sepultamento.

Assim, aos poucos, o espaço dos mortos foi se enquadrando às novas determinações sanitárias e sofrendo significativas mudanças.

Jacques Heers e uma nova leitura dos cemitérios franceses:

Aparentemente, os cemitérios franceses eram como outros quaisquer: espaços sagrados onde corpos sem vida eram depositados em túmulos dos mais variados tipos e tamanhos, com cruces que identificavam a sacralidade do espaço, capelas e oratórios nos quais se faziam orações, manifestando-se suas crenças e devoções.

Todavia, Jacques Heers, em *Festas de Loucos e Carnavais*, mostra que aparentemente não era somente isso que se visualizava nos cemitérios franceses durante grande parte da Idade Média. O autor apresenta o lado profano desses espaços, aproximando-os a um centro de intensa vida social mais do que qualquer outra coisa, ao descrever as suas situações que evidenciam o sentido nada sacro.

Estudando especificamente os cemitérios franceses, o autor expõe que estes não serviam apenas para abrigar corpos sem vida, mas também apresenta uma diversidade de funções, onde o culto aos mortos, ligados diretamente ao

culto divino, parecia ser a última coisa que se fazia nesse local, demonstrando uma função muito mais leiga para o cemitério.

A imagem que o autor nos apresenta não é a de um jardim de paz, muito menos a de um lugar santo, mas sim, a de um espaço de convívio e divertimento, demonstrando dessa forma a familiaridade dos homens com o campo sagrado. Dessa forma, a morte não estaria ligada ao medo, pavor ou qualquer outra coisa relacionada, pois com muita naturalidade esse lugar era freqüentado por distintas pessoas, sendo considerado o centro de vida coletiva: lugar de comércio, reuniões, passeios, encontros espirituais e temporais.

Heers procurou mostrar que esse “espaço santo” aproximava-se à sociedade dos vivos, pois além das suas avenidas e jardins, das placas indicativas, dos túmulos individualizados ou coletivos, da existência de uma administração e alguns até com capelas, muitas decisões eram tomadas dentro dos limites dos cemitérios, entre sepulturas planas e algumas mal-acabadas ao lado de outras, verdadeiros imóveis de luxo, grandes monumentos construídos com mármore. Realmente, era um espaço multifacetário como destaca o autor.

Até o ano 1000, os cemitérios ficavam juntos das igrejas paroquiais das cidades e, algum tempo depois, perto dos conventos¹⁷. Até, então, neles era permitida a entrada de pessoas em qualquer horário, durante o dia ou à noite, não existindo restrições alguma a esse respeito. Era um local que servia de passagem para as pessoas, animais de carga e mercadorias. Representantes de vários ofícios disputavam espaços, nas galerias existentes entre os túmulos, para venderem seus produtos, além da existência de pequenas lojas de propriedade dos cônegos¹⁸. Como era um local de comércio, passou a ser alvo de vários ataques por parte dos comerciantes da cidade, que não viam com bons olhos a concorrência estabelecida. Sentiam-se prejudicados, pois

¹⁷ Das 35 paróquias existentes em Paris, 29 possuíam cemitérios.

¹⁸ Especialmente o cemitério de Ruão.

eram obrigados a pagar impostos pelos seus estabelecimentos comerciais, fato esse que não acontecia com os estabelecimentos ligados à Igreja, pois estavam isentos de tais taxas.

Escribas públicos possuíam bancas expostas entre as construções mortuárias e ali ficavam esperando a chegada da clientela. Em Órleans, os escribas que possuíam seu ponto comercial no campo santo fundaram a Confraria Religiosa e Profissional denominada “Fraternidade dos Escribas”. Até a segunda década do século XII, esta confraria era responsabilizada em administrar os lugares santos, e contava com o apoio da igreja para a qual eles prestavam contas ao bispo responsável. Também era o local no qual feiras itinerantes montavam suas tendas durante determinados períodos do ano em função do fluxo de pessoas. Assim, ao lado dos mortos, a vida social seguia seu caminho e, com a convivência de representantes da igreja, os cemitérios podiam ser identificados, nessa época, mais como pontos comerciais do que espaços santos.

Em Paris, o Cemitério dos Inocentes, o mais tradicional de todos, localizado em pleno centro da cidade, foi descrito por Heers como “acolhedor e activo”¹⁹. Todavia, era o local em que se colocavam à venda cavalos e forragens, onde todos os dias capelistas, livreiros e ferrageiros expunham, entre os túmulos, seus artigos para serem comercializados.

Desde o século XV, os lugares sob as galerias eram disputados pelos comerciantes e serviam de motivo para discussões, porque alguns eram reservados para casas especializadas e, também, a diversas corporações de ofícios, para venderem suas antiguidades, roupas, malhas, quadros, livros e imagens.

Dentre as edificações do cemitério, o púlpito era o que mais se destacava entre todas as demais ali construídas, pois era desse pequeno espaço que pronunciamentos eram feitos, decisões anunciadas e as homilias realizadas pelos religiosos ao longo do ano, principalmente, durante os

¹⁹ Idem p. 41.

funerais. Confeccionado com estrado de pedra ou madeira, poderia ser utilizado por outras pessoas que não estivessem ligadas à instituição eclesiástica, para tanto bastava ver que várias vezes por dia ele era ocupado por oradores que abordavam temas variados, em especial sobre a fragilidade da condição humana.

Os cemitérios faziam parte do roteiro obrigatório de passagem das procissões realizadas ao longo do ano. Elas atravessavam o espaço santo, tendo como local de parada obrigatória as estações sacras e a grande cruz de madeira para as pessoas ouvirem pronunciamentos dos religiosos e realizarem suas orações.

Devido à familiaridade com esse espaço, os homens o identificavam como um prolongamento da vida cotidiana, pois nele realizavam-se espetáculos com temas bíblicos ou relacionados à vida dos santos. Havia, também, encenações e representações profanas de grande aparato. Além disso, servia como local para as reuniões da justiça eclesiástica, que ali se encontrava, para julgar e decidir aspectos da vida e comportamento das pessoas. O autor destaca que a sentença de Joana D'Arc tenha sido pronunciada no cemitério de Ruão.

Na região oeste e central do território francês havia o que eles chamavam de “a lanterna dos mortos”. Uma coluna construída com um dossel que abrigava uma luminária acesa para clarear o espaço do cemitério, principalmente nas noites festivas, bem como em determinadas épocas do ano em que nele eram realizadas atividades noturnas.

Tais práticas desenvolvidas no espaço santo não eram vistas com bons olhos por muitos, para tanto basta ver as denúncias realizadas junto ao poder civil que consideravam tais atitudes abusivas. Todavia, isso pouco adiantava, pois somente mais tarde é que mudanças efetivas realmente ocorreram.

Alguns cemitérios próximos à região de Reims, em função do crescimento e do fluxo de pessoas, transformaram-se em bairros, tais como: Santo Hilário, São Martinho e São Sisto.

Esses testemunhos, acima descritos, pertencem a de

uma cultura que não se preocupava em profanar o espaço do cemitério e, que, sem grandes constrangimentos, os signos sagrados nele contidos, que deveriam receber reverência e respeito por parte dos cristãos eram vistos com indiferença, ou quem sabe nem notados. Como se constata, a morte antes considerada como tabu, séculos depois passou a ser tratada com indiferença, visto que não causava mais a sensação de medo ou pavor.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: F.Alves. 1977.
- _____. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: F.Alves. 1990.
- BRAET, Herman & VERBEKE, Werner. *A morte na Idade Média*. Trad. Heitor Megale, Yara F.Vieira e Maria Clara Cascato. SP: EDUSP. 1996.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp. 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal Edições. 1988.
- HEERS, Jacques. *Festa de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1987.
- PESAVENTO, Sandra S. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. SP: Cia das Letras. 1991.
- TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. *Poder e Saúde – as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: UNESP. 1996.
- VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*. SP: Brasiliense. 1987.

Maura Regina Petruski

**A cidade dos mortos no mundo dos vivos - os
cemitérios**

Maura Regina Petruski

Resumo: Este artigo procura apresentar elementos concernentes à trajetória da edificação dos cemitérios num momento histórico específico, bem como mostrar outras funções desse espaço santo, especificamente em solo francês.

Palavras-chave: morte, cemitério, comportamento.

Abstract: This article tries to present elements regarding the way cemetery building has changed in time, as well as to explore some other functions of this holy space, particularly in France.

Key words: death, cemetery, behavior

Artigo recebido para publicação em 16/08/2006

Artigo aprovado para publicação em 13/03/2007